A ARTE DE TORNAR-SE

Criar o sentido, e um sentido em constante devir – assim como nós e o mundo –, foi proposta de várias correntes filosóficas. Nietzsche, por exemplo, provoca-nos a um "dizer sim" à vida, o que consiste, muitas vezes, em dizer não aos modelos vigentes

POR **MONICA AIUB**

© ANTON VIERIETIN / GETTYIMAGES.COM

"[...] QUERO SER, ALGUM DIA, APENAS ALGUÉM QUE DIZ SIM!" (Nietzsche, *A gaia ciência*)

A dificuldade em "dizer não" tem sido uma questão recorrente nas consultas em orientação filosófica. Os motivos aparentemente variam: medo de não receber novos convites ou sofrer com o distanciamento das amizades, medo de um possível julgamento ou cancelamento, medo de perder o trabalho ou uma possível oportunidade de trabalho, medo de a outra pessoa terminar o relacionamento, medo de perder privilégios etc.

Observe que os pontos citados têm em comum a expressão "medo". Espinosa, ao apresentar as "Definições das Afecções", coloca o medo e a esperança lado a lado. O primeiro é definido como "uma tristeza instável nascida da ideia de uma coisa futura ou passada, do resultado da qual duvidamos numa certa medida." (Ética, livro III, proposição LIX, definição XIII); a segunda, como "uma alegria instável nascida da ideia de uma coisa futura ou passada, do resultado da qual duvidamos numa certa medida" (Ética, livro III, proposição LIX, definição XII). A definição seria a mesma, não fosse a distinção na qual o medo corresponde a uma tristeza e a esperança a uma alegria. Mas o destaque aqui é o fato de ambas serem "nascidas de uma ideia [...] do resultado da qual duvidamos numa certa medida".

Quantas vezes na vida nos permitimos conduzir por medos ou esperanças infundados? Quantas vezes agimos em função de uma ideia que nunca se concretizou – e que muito provavelmente não se concretizará? Quanto já sofremos e geramos sofrimento por ideias que, em certa medida, duvidamos?

Sim ou não: para que e a quem?

Numa sociedade na qual: "alinhar expectativas" é uma expressão utilizada em larga escala e em diferentes contextos; as ideias de "sucesso" e "fracasso" estão impregnadas em todas as faixas etárias e são critérios para avaliação da realização pessoal em diversas esferas da vida; a popularidade, o número de "acessos" e "*likes*" são critérios para estabelecer crenças e decisões, dizer "não" pode ser considerado algo muito perigoso.

Perigoso, de fato, é generalizar e afirmar que "dizer não" e "dizer sim" possui valores em si mesmos, como creem algumas pessoas. Tais pessoas chegam ao absurdo de afirmar que "sim", por ser positivo, é um bem; e "não", sendo negativo, um mal. Não é disso que se trata! A questão que se coloca é, na verdade, a que dizemos "sim" ou "não"? E mais: por quais motivos dizemos? Considerando as implicações de nossas ações, o que trazemos para nossa vida e a de outras pessoas ao dizermos?

Em geral, as questões que chegam ao consultório de filosofia referem-se a dizer não a: modelos, padrões nos quais a pessoa não se encaixa; atividades que ela não deseja ou não vê sentido em realizar, mas acaba realizando por não conseguir dizer não a outras pessoas; atitudes que ferem seus valores; decisões que a afastam, cada vez mais, do que deseja tornar-se... Enfim, situações nas quais o "dizer sim" para outras pessoas significa "dizer não" a si mesmas.

Dizer não à sociedade dos *likes*

Encaixar-se em modelos, corresponder a padrões esperados, adaptar-se são atitudes cobradas de nós continuamente. Embora vivamos num mundo diverso, em constante movimento e mudança, tendemos a estabelecer padrões, valorá-los e reproduzi-los. Criamos ferramentas para isso, da técnica à tecnologia, e tentamos aperfeiçoá-las cada vez mais, no movimento de classificar e padronizar a vida.

De padrões industriais a padrões linguísticos; de modelos de comportamento a modelos de vida saudável; da moda aos modos de viver, tudo ao redor parece tentar nos moldar, modelar, para que correspondamos às expectativas culturais, sociais, políticas e, principalmente – ainda que não percebamos –, econômicas. Paradoxalmente, é preciso manter o modelo, estar no molde; mas, simultaneamente, inovar. Então nos cobram inovação, que acaba por tornar-se uma espécie de variação do modelo, cuja estrutura fundamental continua a mesma.

Na sociedade dos *likes*, vivemos, ainda, a vigilância constante sobre nossas escolhas, nossos gostos, nossa vida – já quase totalmente sem distinção entre esferas pública e privada. Podemos receber acessos e *likes* ou sofrer agressões cibernéticas e cancelamentos por nossos modos de vida e expressão. Por esperança ou por medo, muitos optam por reproduzir modelos de "sucesso", o que faz com que se obriguem a cumprir tarefas que, por si, não fazem sentido.

São, cotidianamente, tantas tarefas a cumprir, tantas rotinas a viver que nos sentimos como Sísifo, num repetitivo e eterno trabalho sem sentido. Ao mesmo tempo, também nos sentimos perdidos no labirinto e assombrados com o fantasma de um Minotauro que jamais existiu, mas cremos poder nos devorar sempre que dissermos um "não" ao modelo.

A vida como obra de arte

Ainda que nos encontremos diante de problemas inéditos e os modelos existentes não sejam suficientes para solucioná-los, a dificuldade em "dizer não" aos modelos persiste. Em nosso pensamento computacional e fazer maquínico, giramos eternamente em falso. Os problemas agravam-se e nossas "soluções inovadoras" nos trazem mais problemas e menos sentido para a existência. Então, nosso maior problema acaba por ser uma vida sem sentido, uma vida que não vale ser vivida.

"NA SOCIEDADE DOS *LIKES*, VIVEMOS, AINDA, A VIGILÂNCIA CONSTANTE SOBRE NOSSAS ESCOLHAS, NOSSOS GOSTOS, NOSSA VIDA – JÁ QUASE TOTALMENTE SEM DISTINÇÃO ENTRE ESFERAS PÚBLICA E PRIVADA"

Mas o que é o "sentido da vida"? O que seria uma vida que vale ser vivida? Se dissermos não aos modelos, diremos sim a quê? Não temos respostas únicas a essas e outras tantas questões, ainda que muitos filósofos as tenham abordado. Contudo, colocá-las nos provoca a pensar e, talvez, esboçar respostas para além dos modelos. Criar.

Criar o sentido, e um sentido em constante devir – assim como nós e o mundo –, foi proposta de várias correntes filosóficas. Nietzsche, por exemplo, provoca-nos a um "dizer sim" à vida, o que consiste, muitas vezes, em dizer não aos modelos vigentes. Para ele, a vida só teria um sentido se encarada como um fenômeno estético, a vida como uma obra de arte. Não um fenômeno estético considerando a arte uma representação ou uma imitação da natureza; mas a potência criadora que, diante dos fatos, nos torna artistas cujas obras são nossa própria vida.

Vida e sofrimento

No contexto atual, poderíamos tender a pensar que criar a vida como uma obra de arte nos levaria a uma vida plenamente feliz, sem sofri-

mento, e consideraríamos a ideia uma ilusão, algo irrealizável. Não é disso que trata Nietzsche. Para ele, não há como separar vida e sofrimento. Não há vida sem sofrimento, nem sofrimento sem vida. E talvez aqui tenhamos um problema.

Queremos afirmar a vida e negar o sofrimento, mas como não há um sem o outro, ao negarmos o sofrimento – ainda que diante de certas situações seja apenas "uma ideia" –, negamos a vida. Não dizemos não a outros para evitar sofrimento e, com isso, experienciamos o sofrimento de uma vida sem sentido, dizendo não a nós mesmos.

Para Nietzsche, "existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de abundância de vida, que querem uma arte dionisíaca e também uma visão e compreensão trágica da vida – e depois os que sofrem de empobrecimento de vida, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mesmos mediante a arte e o conhecimento, ou a embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura" (2001, p. 272-273). Os últimos negam a vida, enquanto os primeiros a afirmam. Afirmá-la é amar a vida como ela é, aprender com os fatos. "Viver cada instante, cada dia, cada ano com toda a intensidade de vida que um homem pode fazê-lo, isso é sublimidade do amor *fati*, ser um afirmador da vida" (Sousa, 2009, p. 27).

Amor *fati*

Amar a vida, viver cada instante com toda a intensidade coloca-nos na situação de quem sofre por abundância de vida. O sofrimento é parte da vida, que é luta, que nos coloca em processo de criação do existir. Ao negarmos o sofrimento, ou colocarmos o sentido da vida nele, diminuímos nossa potência vital, fugimos, nos escondemos da luta – que é a própria vida – e somos modelados por outros. Tornando-nos uma réplica do modelo-padrão, nos escravizamos por medos baseados em crenças, as quais tememos, inclusive, duvidar.

Passamos a confiar tanto nos modelos que criamos máquinas a partir deles e as utilizamos para orientar nossa vida. Que tipos de respostas as máquinas, ainda que generativas, são capazes de nos dar? Elas geram novas respostas, mas ainda falta-lhes corpo. O corpo que guia a criação. Faltam-lhe afetos. Afetos que movem a criação. Nós as consideramos neutras, isentas, justamente por não possuírem corpos ou afetos, por isso alguns defendem que são mais "objetivas". Esquecemos que foram criadas e são programadas por outros, com corpos e afetos em luta. Por isso, talvez, quando as escolhemos como forma de proteção, podemos estar, sem que percebamos, negando o que nos é vital.

O modelo maquínico representa, para muitos, a possibilidade de banir o sofrimento da vida. Mas como isso não é possível, acabamos nos alienando ao nos entregarmos a ele como forma de negar a vida, similarmente ao que ocorre quando nos entregamos à embriaguez ou ao entorpecimento para "curar" o sofrimento. Não há cura para o sofrimento. Podemos negá-lo e, com isso, negar a própria vida; podemos aprender com ele e, assim, afirmar a própria vida. Dizer sim ou não pode trazer algum sofrimento, mas não devemos temê-lo. A questão talvez seja: quem eu me torno quando digo um "sim" ou um "não"? **hmt**

REFERÊNCIAS

ESPINOSA, B. *Ética* (Col. Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. *A origem da tragédia*. Lisboa: Guimarães, 1985.

SOUSA, M. A. *Nietzsche*: viver intensamente, tornar-se o que se é. São Paulo: Paulus, 2009.

© RENATA SILVA

MONICA AIUB é doutora em Filosofia (PUC-SP). Atua como orientadora filosófica no Espaço Monica Aiub.
✉ www.monicaaiub.com.br